

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado (p. Velha)

Class.: 148

Data: 25/10/88

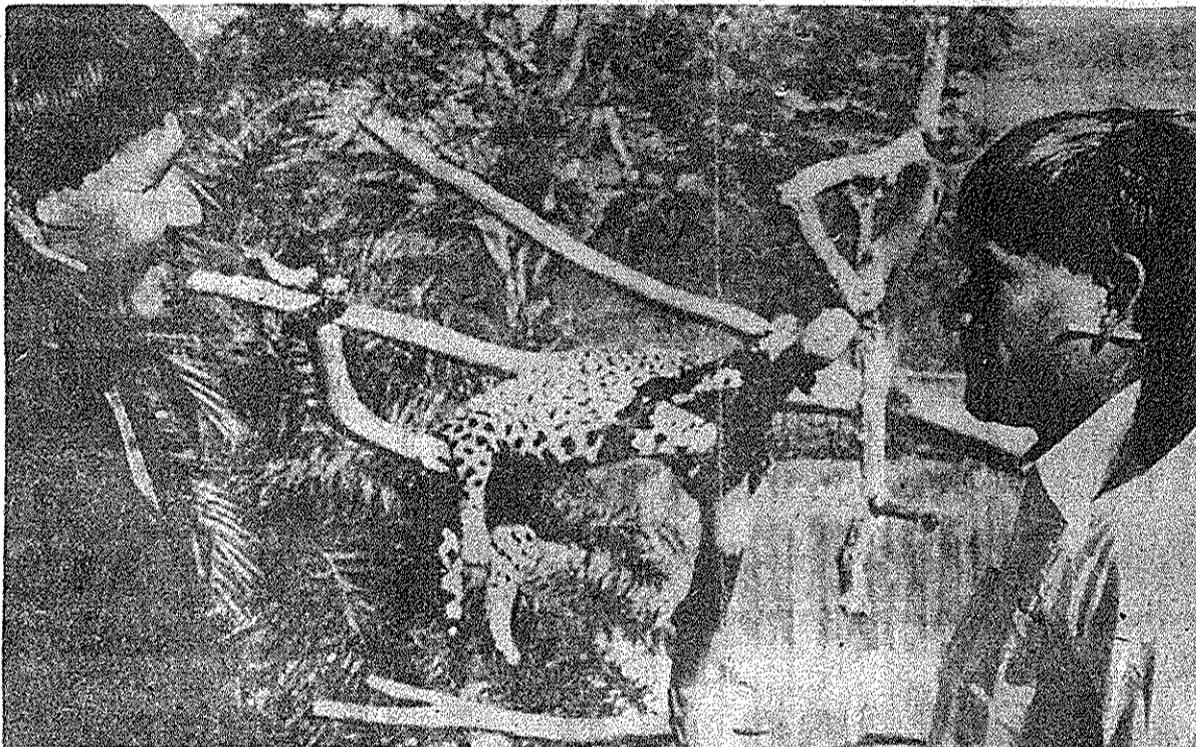
Pg.: _____

Guerra é iminente na terra dos Zoró

A omissão deliberada da Funai (Fundação Nacional do Índio), que ainda não foi e nem acionou a Polícia Federal para garantir a ordem na área dos Zoró, pode ocasionar mais mortes no conflito entre índios e brancos, pela posse da terra. A antropóloga Betty Mindlin - do Instituto de Antropologia e Meio Ambiente da Universidade de São Paulo - chegou a esta conclusão depois de saber que os índios estão dispostos a lutar com todas as armas, para reaver suas terras, "e a omissão da Funai pode apressar esse derramamento de sangue, entre índios e brancos". As invasões, segundo denúncias dos índios, interessados em arregimentar mais votos.

Respalhada em depoimentos que colheu junto a alguns silvícolas, a antropóloga paulista, diante da indefinição da questão, lamenta o fato de até agora não terem sido presos os responsáveis pelo atentado aos índios Suruí de Rondônia. "Um índio morreu, e poderia ter morrido um número maior. Há indícios de que os acusados são, realmente os culpados pela emboscada. A Toyota azul, de onde os pistoleiros atiraram nos índios, pertence a Americo Minotti, que tem uma madeira na área Zoró", denunciou Betty Mindlin, que vive na área como uma intransigente defensora da causa indígena.

Tudo começou quando os índios Suruí, Arara, Gavião e Cinta-Larga saíram para identificar as áreas invadidas e retirar os invasores. "Eles (os índios) encontraram nas proximidades da área uma Toyota azul, onde estava o cacique Paio Zoró, juntamente com o empregado dessa Madeireira. Tanto esses índios, como o cacique Paio Zoró, sabem que a Toyota azul pertence a Americo Minotti, ou ao seu sócio, Vicente Madeira. Os índios, então, apreenderam a Toyota, mas liberaram em seguida, e conseguiram persuadir o cacique Paio Zoró de que os índios estavam sendo ludibriados pelos



Os índios trocam idéias para armar o bote contra os brancos.

madeireiros e, assim, os Zoró passaram a acompanhar os outros índios que estavam com o cacique Paio Zoró", disse Betty Mindlin.

Segundo a antropóloga paulista, que se encontra em Cacoal pesquisando os hábitos dos indígenas da região, "foi esse mesmo Toyota quem perseguiu os índios Suruí em sua volta a área Sete de Setembro. A essa altura, os outros índios - Gavião, Arara e Cinta-Larga - estavam voltando aos seus territórios por um caminho ao norte, e os Suruí seguiam pela estrada que corta o território Zoró".

Ao narrar com mais ênfase a tragédia que não se consumou, porque os índios fugiram, embrenhando-se nas matas, Betty Mindlin narra, ainda, que "um grupo de seis índios Suruí parou na casa de um colono para pedir comida. Enquanto esperavam o almoço, ouviram o barulho de um carro, e dois deles se aproximaram da estrada para pedir carona, porque estavam exaustos pela caminhada. Tratava-se do mesmo Toyota azul. Desceram vários pistoleiros e atiraram sobre os índios, que se

dispersaram pelo mato. Esses índios haviam deixado suas armas no chão para não assustar os colonos. Dois deles caíram com os tiros, e um deles, o Cinta-Larga Roberto Carlos, rolou pelo chão até à própria arma. Os colonos gritaram para os pistoleiros que um índio estava armando. Então, o pistoleiro voltou da Toyota para perseguir os índios restantes. Foi assim que esse primeiro grupo, por milagre, conseguiu escapar correndo para o mato".

Continuando, esclareceu a antropóloga paulista: "Os companheiros, ao verem o tiroteio, tiveram a impressão de que muitos haviam morrido, por isso saiu essa notícia de massacre em Cacoal. Mais adiante, os pistoleiros da Toyota azul atiraram nos índios que caminharam sozinhos, meio distante dos outros. Estes também pediram carona, mas desconfiados, fugiram antes que os tiros o pudessem alcançar. Depois, os pistoleiros atiraram em outro índio, lamnest. Parece que morreu. A seguir, a Toyota continuou perseguindo um número maior de índios, que revidou com tiros".

Se não fosse a reação a tiros, conta Betty Mindlin, "todos os outros índios teriam sido massacrados. E apesar de todos os testemunhos, os donos do Toyota ainda não foram presos".

Diante da situação, assinala a antropóloga, "os índios reivindicam que a Funai e a Polícia Federal os levem ao local do crime para encontrar o corpo de lamnest, e ouvir as testemunhas dos colonos".

Conta Betty Mindlin que "até agora, oito dias após a tentativa de massacre, nem a Polícia Federal, nem a Funai foram ao local. Hoje (ontem) pela manhã, os índios, revoltados com a situação reinante, ocuparam a sede da Funai em Pimenta Bueno. A omissão da Funai pode ser responsável por mais mortes", pressupôs a antropóloga, que responsabiliza a Fundação por ter deixado os índios irem, sem a Polícia Federal, a uma área de conflito tão violento, "expondo-os a morte quase certa".